



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
*Secretaria do Planejamento
e Gestão*

IPECE

Informe

Nº 155 – Agosto/2019

**Análise da participação feminina
na composição familiar e no
mercado de trabalho cearense no
período 2012-2018**

Governador do Estado do Ceará

Camilo Sobreira de Santana

Vice-Governadora do Estado do Ceará

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

Secretaria do Planejamento e Gestão – SEPLAG

Carlos Mauro Benevides Filho – Secretário

José Flávio Barbosa Jucá de Araújo – Secretário Executivo de Gestão

Flávio Ataliba Flexa Daltro Barreto – Secretário Executivo de Planejamento e Orçamento

Ronaldo Lima Moreira Borges – Secretário Executivo de Planejamento e Gestão Interna

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE

Diretor Geral

João Mário Santos de França

Diretoria de Estudos Econômicos – DIEC

Adriano Sarquis Bezerra de Menezes

Diretoria de Estudos Sociais – DISOC

Diretoria de Estudos de Gestão Pública – DIGEP

Marília Rodrigues Firmiano

Gerência de Estatística, Geografia e Informação – GEGIN

Rafaela Martins Leite Monteiro

IPECE Informe – Nº 155 – Agosto/2019

DIRETORIA RESPONSÁVEL:

Diretoria de Estudos Sociais – DISOC

Elaboração:

Luciana Rodrigues (Assessora Técnica)

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará. Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Missão: Propor políticas públicas para o desenvolvimento sustentável do Ceará por meio da geração de conhecimento, informações geossocioeconômicas e dá assessoria ao Governo do Estado em suas decisões estratégicas.

Valores: Ética e transparência; Rigor científico; Competência profissional; Cooperação interinstitucional e Compromisso com a sociedade.

Visão: Ser uma Instituição de pesquisa capaz de influenciar de modo mais efetivo, até 2025, a formulação de políticas públicas estruturadoras do desenvolvimento sustentável do estado do Ceará.

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) - Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/n | Edifício SEPLAG | Térreo - Cambeba | Cep: 60.822-325 | Fortaleza, Ceará, Brasil | Telefone: (85) 3101-3521 <http://www.ipece.ce.gov.br/>

Sobre o IPECE Informe

A Série IPECE Informe, disponibilizada pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), visa divulgar análises técnicas sobre temas relevantes de forma objetiva. Com esse documento, o Instituto busca promover debates sobre assuntos de interesse da sociedade, de um modo geral, abrindo espaço para realização de futuros estudos.

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE 2019

IPECE informe / Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) / Fortaleza – Ceará: Ipece, 2019

ISSN: 2594-8717

1. Participação feminina. 2. Estrutura familiar. 3. Mercado de trabalho. 4. Educação.

Nesta Edição

O presente informe tem como objetivo analisar a participação feminina na composição familiar e no mercado de trabalho cearense, correspondendo ao período de 2012 a 2018. As informações fazem parte da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Continua – PNADC, divulgadas pelo IBGE.

Dos resultados encontrados no que se refere ao papel da mulher no domicílio, observou-se que há uma tendência de crescimento de famílias onde as mulheres são as responsáveis pelo domicílio, a proporção de lares cearenses chefiados por mulheres saltou de 37,5%, em 2012, para 47,1%, em 2018. Além disso, este fenômeno não está diretamente relacionado a não presença de cônjuge do sexo masculino no domicílio, uma vez que a proporção de domicílios chefiados por mulheres com cônjuges do sexo masculino vivendo no mesmo domicílio, cresceu de 33,4% para 41,5% entre 2012 e 2018.

Em relação à presença das mulheres no mercado de trabalho, verificou-se que elas ainda são minoria. No 4º trimestre de 2018, a taxa de participação da população masculina de 14 anos ou mais de idade na força de trabalho foi de 60,6%, enquanto que a taxa de participação feminina foi de 41,0%.

Ao analisar o rendimento médio real do trabalho principal da população de 14 anos ou mais de idade ocupada por sexo, verificou-se que o rendimento médio dos homens é relativamente superior ao das mulheres. No 4º trimestre de 2018, o rendimento médio dos homens era de R\$ 1.627 e das mulheres R\$ 1.279, ou seja, as mulheres recebiam, em média, 79% do rendimento dos homens. Essa diferença aumenta ainda mais quanto controlado por nível de escolaridade. A razão de rendimento médio das mulheres em relação aos homens de 25 a 49 anos de idade - Sem instrução e Fundamental incompleto - era de 67,7% do rendimento médio dos homens com o mesmo nível de escolaridade. Enquanto que as mulheres com Ensino Superior completo ganhavam apenas 64,5% do salário médio dos homens, com a mesma escolaridade em 2018.

Introdução

As transformações sociais nas últimas décadas, principalmente em relação a produção e as formas de vinculação ao mercado de trabalho afetaram diretamente o papel da mulher na economia e na sociedade. Se antes elas desempenhavam atividades muitas das vezes relacionadas aos cuidados do lar e dos filhos, dentro do novo modelo social, a mulher passou a conquistar espaços no mercado de trabalho e no próprio domicílio, que antes eram ocupadas unicamente por homens.

Contudo, a discriminação de gênero ainda é visível. A primeira está relacionada a remuneração, os homens ainda ganham mais que as mulheres, em algumas situações, ocupando os mesmos cargos, com o mesmo nível de escolaridade e desempenhando as mesmas funções. A segunda desigualdade está relacionada a jornada de trabalho, isso porque as atribuições dos afazeres e dos cuidados dos filhos ainda estão historicamente ligadas as mulheres, assim, elas são muitas vezes submetidas a jornada dupla de trabalho.

E por fim, a mulher ainda sofre discriminação na sociedade e no ambiente de trabalho pelo simples fato de ser mulher, portanto, elas precisam trabalhar mais e fazer mais esforço para mostrar competência e provar que tem condições de realizar as mesmas atividades desempenhada pelos homens.

Diante disso, é importante refletir o papel da mulher na atual sociedade, da sua inserção no mercado de trabalho e nas desigualdades salariais com relação aos homens que ainda persistem. Portanto, o propósito desse estudo é enriquecer este debate, com informações recentes sobre os mais diferenciado indicadores relacionados ao tema, apresentando um conjunto de informações da atual situação da mulher cearense em diferentes espaços, como no domicílio e no mercado de trabalho.

Para tanto, as informações utilizadas nestes Informe, fazem parte Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar Contínua (PNADC), realizada pelo IBGE, correspondendo ao período de 2012 a 2018.

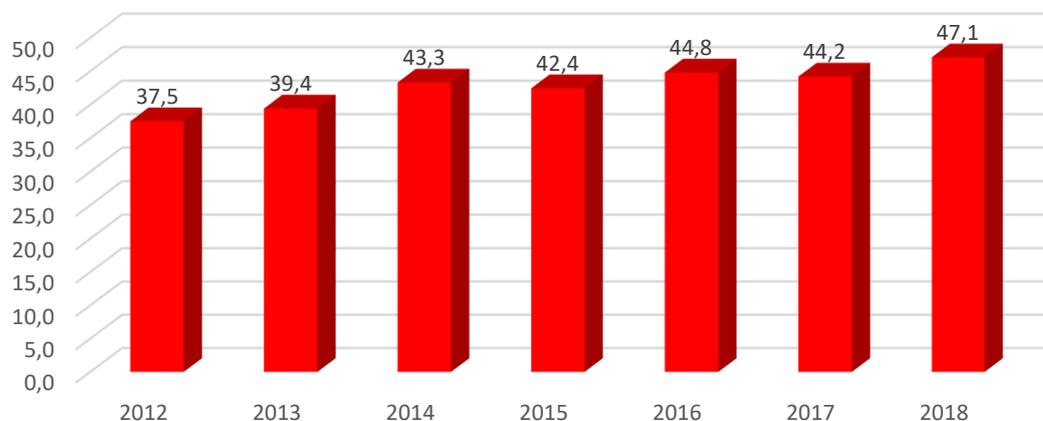
2. Estrutura familiar

A população feminina no estado do Ceará representa 52,1% da população total, sendo que 81,6% delas tem idade de 14 anos ou mais. Dessas, 43,4% se encontravam na força de trabalho (Pessoas ocupadas e as pessoas desocupadas na semana de referencia da pesquisa), em 2018.

Para entendermos um pouco mais sobre as atividades desenvolvida por essas mulheres, inicialmente, apresenta-se no Gráfico 1 a proporção de domicílios chefiados por pessoas do sexo feminino. O conceito de chefia ou pessoa de referência está relacionado ao integrante da família que é considerado responsável pelo domicílio. A partir desse conceito, observa-se que há uma tendência de crescimento de famílias onde as mulheres são as responsáveis pelo domicílio, os dados mostram

que a proporção de lares cearenses chefiados por mulheres saltou de 37,5%, em 2012, para 47,1%, em 2018.

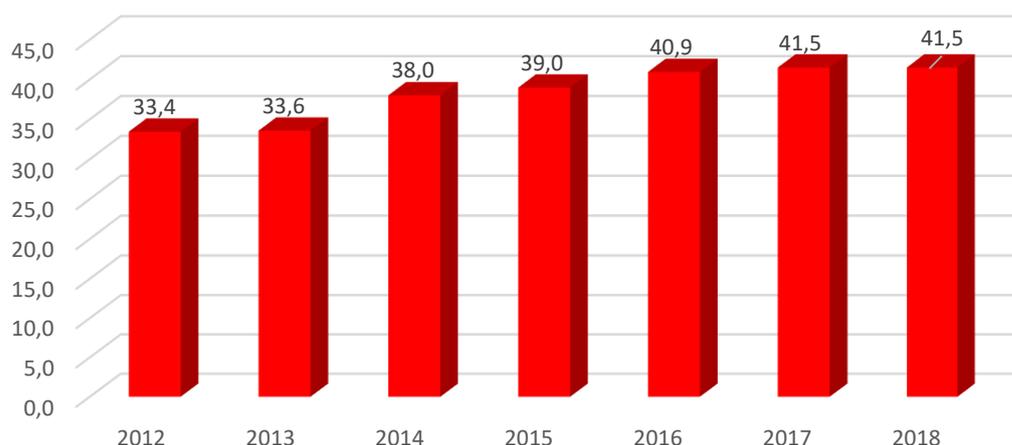
Gráfico 1: Proporção dos domicílios chefiados por mulheres – Ceará – 2012-2018



Fonte: PNAD-Contínua Anual, consolidada para 1ª visita. Elaboração: IPECE.

É importante destacar que este fenômeno não está diretamente relacionado a não presença de cônjuge do sexo masculino no domicílio. No Gráfico 2, percebe-se que a proporção de domicílios chefiados por mulheres com cônjuges do sexo masculino vivendo no mesmo domicílio, cresceu de 33,4% para 41,5% entre 2012 e 2018.

Gráfico 2: - Proporção de domicílios chefiados por mulheres com a presença do cônjuge (masculino) – Ceará – 2012-2018



Fonte: PNAD-Contínua Anual, consolidada para 1ª visita. Elaboração: IPECE.

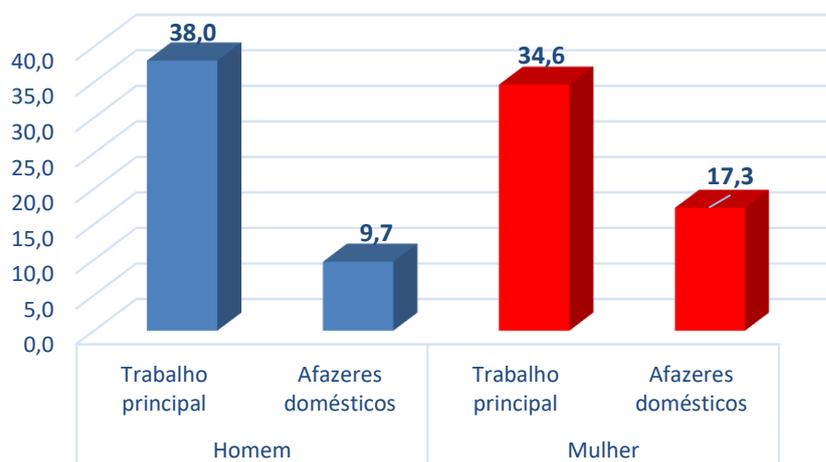
Embora não fique claro quais são os critérios adotados para que uma pessoa seja nomeada como a pessoa de referência do domicílio, a ampliação de domicílios em que as mulheres são indicadas como a responsável pela família parece indicar mudanças no padrão de comportamento

social, ou seja, o rompimento dos modelos tradicionais, nos quais o homem, como principal provedor de renda, é considerado o chefe do domicílio.

Para estes fenômenos, podemos fazer alguns apontamentos, pode estar significando, por exemplo, um entendimento melhor das responsabilidades do domicílio, que não estejam diretamente relacionadas ao sustento familiar ou financeiro, mas o auto reconhecimento das mulheres como responsáveis fundamentais pelas decisões, criação e educação dos filhos e do equilíbrio familiar. Isso só é possível com o crescimento da importância socioeconômica do papel da mulher na sociedade e, sobretudo, no contexto familiar. Grande parte dessa mudança aconteceu a partir da ampliação da autonomia feminina que passou a assumir funções não só no lar, mas passaram a dividir com os homens o sustento da casa e a criação dos filhos.

O Gráfico 3, apresenta a jornada média mensal dos homens e das mulheres no trabalho principal e nos afazeres domésticos. Em média, no trabalho principal os homens trabalham 3,4 horas a mais que as mulheres semanalmente, no entanto, mesmo exercendo atividades remuneradas, elas trabalham em média 7,6 horas mais que eles em atividades relacionadas aos afazeres domésticos. Somando as horas dedicadas no trabalho principal e nos afazeres domésticos, a jornada de trabalho de homens e mulheres é de 47,7 e 51,9 horas, respectivamente.

Gráfico 3: Jornada média semanal para a população ocupada de 14 anos ou mais, por gênero – Ceará – 2018



Fonte: PNAD-Contínua anual, 2018, consolidada para 5º visita. Elaboração: IPECE.

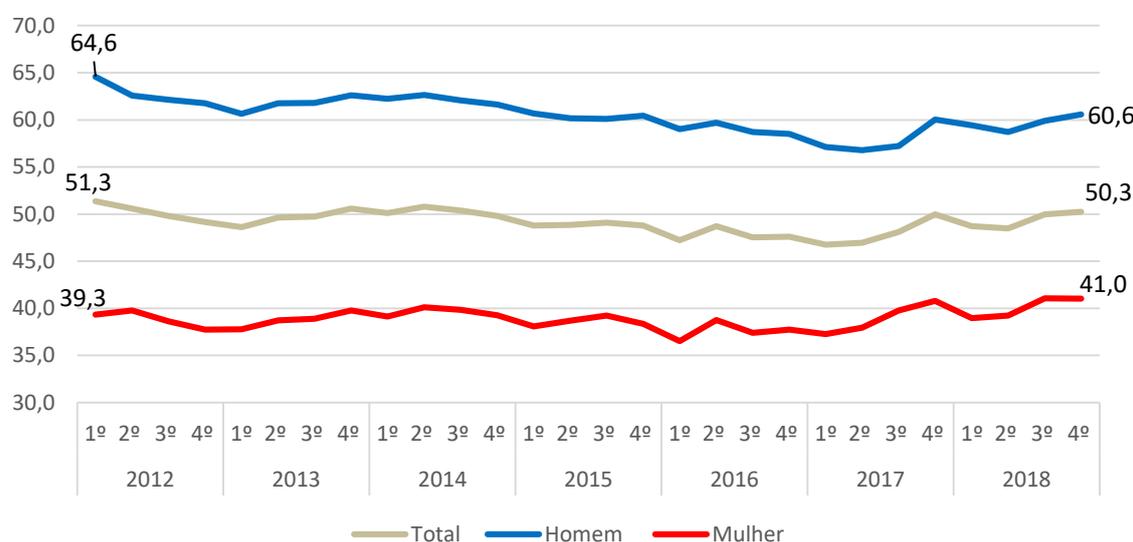
3. Inserção no Mercado de trabalho

A oferta de mão de obra da população para o mercado de trabalho pode ser medido por meio da taxa de participação, que é obtido pelo percentual de pessoas em uma determinada faixa etária que está disponível para o mercado de trabalho (Pessoas Ocupadas + Pessoas Desocupadas na semana de referência), ou seja, a população que faz parte da força de trabalho. Portanto, de acordo com PNAD-

Continua trimestral, no 4º trimestre de 2018, as mulheres de 14 anos ou mais de idade representavam 43,1% da força de trabalho no estado do Ceará.

Cabe destacar que, este indicador desconsidera o trabalho não remunerado desenvolvido no espaço do lar, como os cuidados do próprio domicílio, na criação dos filhos e nos cuidados com idosos, excluído um pouco mais da metade das mulheres, como pode ser observado no Gráfico 4, que analisa a participação de homens e mulheres separadamente. Enquanto que a taxa de participação da população masculina de 14 anos ou mais de idade no Ceará foi de 60,6%, no 4º trimestre de 2018, a feminina atingiu apenas 41,0%, sendo uma das maiores taxas de participação no período analisado, a menor taxa foi registrada no 1º trimestre de 2016, quando a força de trabalho das mulheres era de 36,5%, contra 47,2% da taxa de participação masculina, no mesmo período.

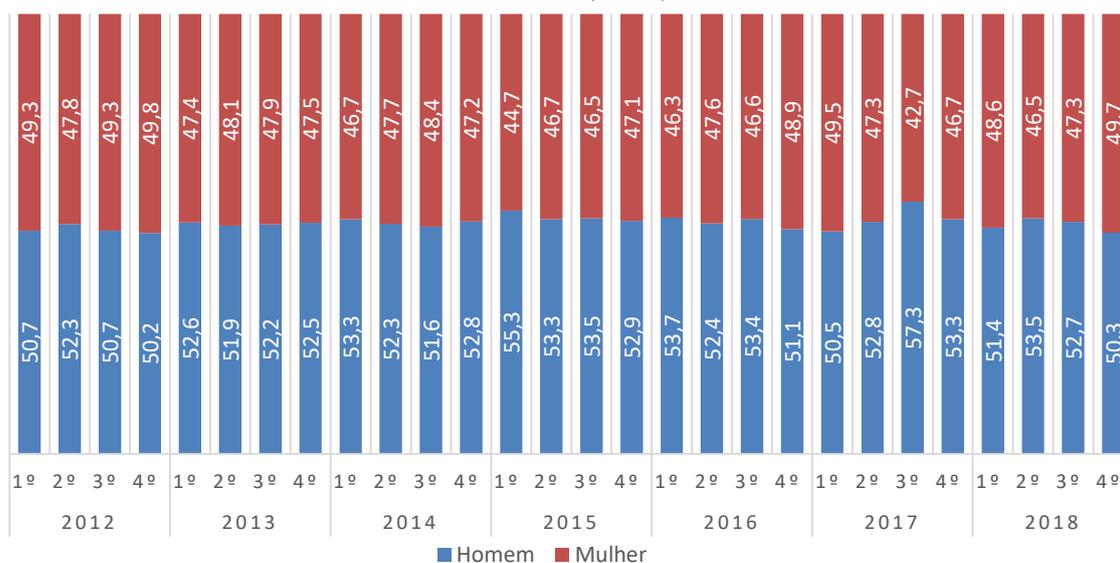
Gráfico 4: Taxa de participação da população de 14 anos ou mais de idade, por gênero - Ceará.



Fonte: PNAD-Contínua trimestral, 1º trimestre de 2012 ao 4º trimestre de 2018. Elaboração: IPECE.

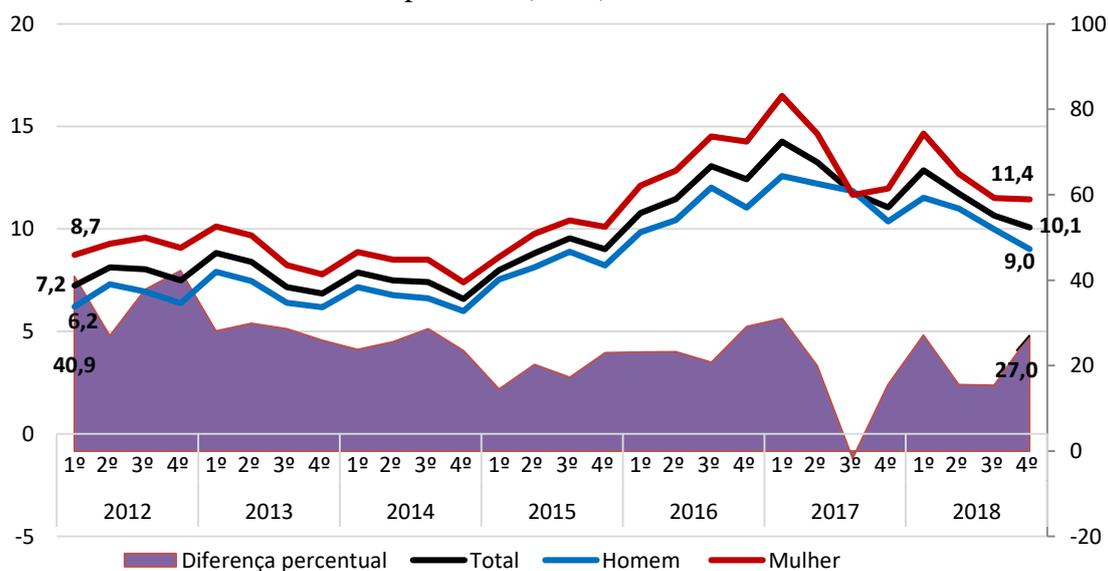
Embora observe oscilações e uma tendência de crescimento da participação feminina no período entre 2017 e 2018, o processo de feminização no mercado de trabalho cearense não sofreu grandes transformações nos últimos sete anos, a grande maioria delas não consegue se colocar disponível para uma ocupação no mercado de trabalho, no último trimestre de 2018, estes números correspondiam a cerca de 2,2 milhões de mulheres de 14 anos ou mais de idade fora do mercado de trabalho.

Outra forma de analisar a evolução da participação feminina no mercado de trabalho é por meio da taxa de desemprego. Embora a taxa de desemprego seja menor para elas, sendo 50,3% para os homens e 49,7% para as mulheres, no 4º trimestre de 2018 e seguindo a mesma tendência em todos os trimestres analisados (Gráfico 5), quando considerada separadamente, observa-se que entre as mulheres a taxa de desemprego é maior como mostra o Gráfico 6.

Gráfico 5: Distribuição das pessoas de 14 anos ou mais de idade desocupadas por sexo, na semana de referência (em%) – Ceará.

Fonte: PNAD-Contínua trimestral, 1º trimestre de 2012 ao 4º trimestre de 2018. Elaboração: IPECE.

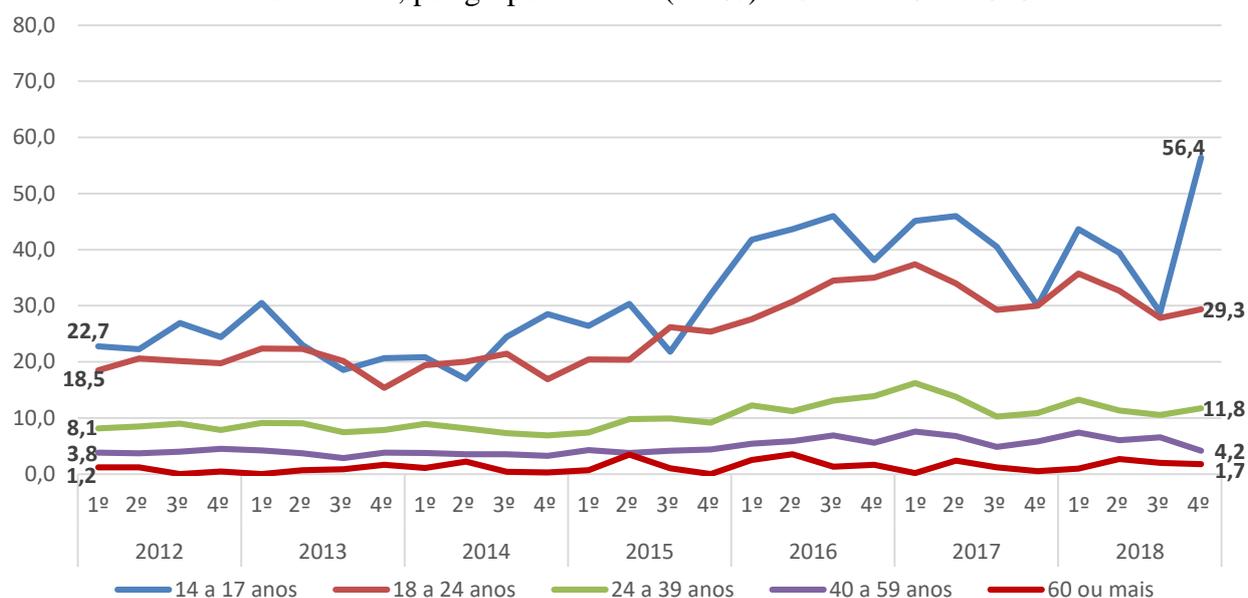
Portanto, olhando para a taxa de desemprego por sexo, observa-se uma maior fragilidade das mulheres em se colocarem no mercado de trabalho. No 4º trimestre de 2018, 9% dos homens que estavam em condições laborais, encontrava-se desocupados, ao passo que, entre as mulheres, a taxa de desocupação foi estimada em 11,4%. A diferença percentual da taxa de desemprego das mulheres neste trimestre chegou a ser 27% maior que a dos homens. Porém, já atingiu 42,2% no 4º trimestre de 2012. A menor diferença foi registrada no 3º trimestre de 2017 quando taxa de desemprego entre os homens foi maior que a taxa de desemprego entre as mulheres.

Gráfico 6: Taxa de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais de idade, na semana de referência, por sexo (em%) – Ceará

Fonte: PNAD-Contínua trimestral, 1º trimestre de 2012 ao 4º trimestre de 2018. Elaboração: IPECE.

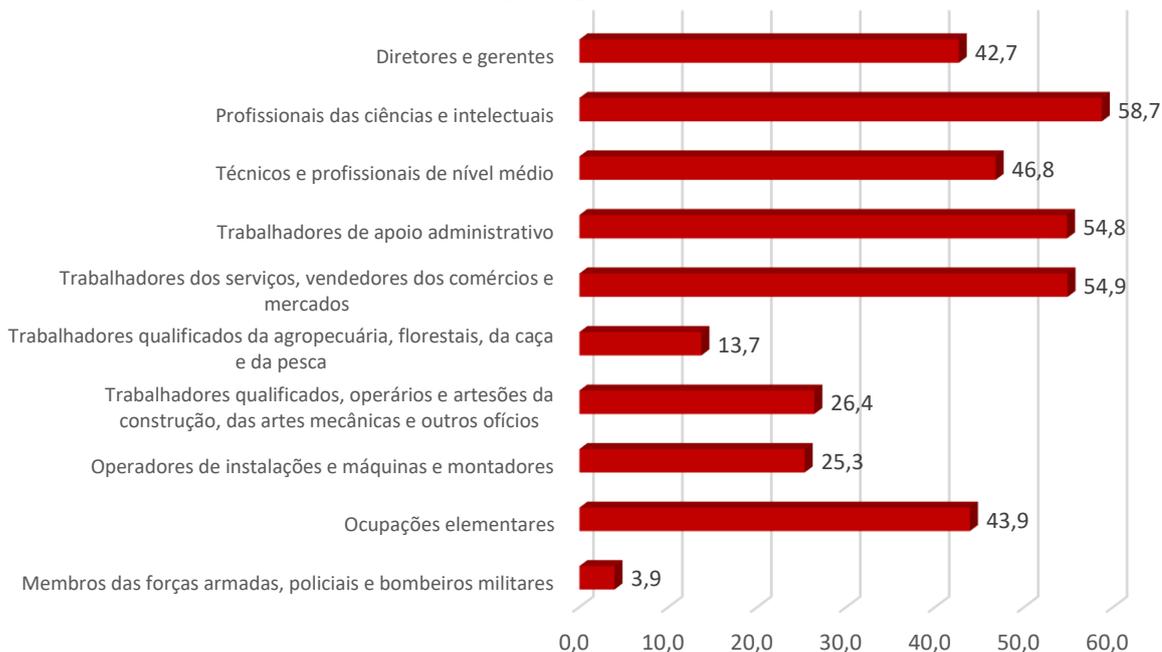
No Gráfico 7, apresenta-se a taxa de desemprego para as cearenses de acordo com a faixa de idade. Nota-se que as taxas de desocupação mais elevadas se referem à população de mulheres mais jovens, entre as jovens de 14 a 17 anos de idade que se encontravam disponíveis para ocupar uma vaga no mercado de trabalho, 56,4% estavam desocupadas e, na faixa de 18 a 24 anos, 29,3%, no 4º trimestre de 2018. Para os grupos de mulheres com mais idade, a taxa de desocupação cai significativamente, para 11,8% entre as de 24 a 39 anos, 4,2% para as de 40 a 59 anos e para 1,7% entre as de 60 anos ou mais de idade, no mesmo período.

Gráfico 7: Taxa desocupação das mulheres, na semana de referência, das pessoas de 14 anos ou mais de idade, por grupo de idade (em %) – Ceará - 2012-2018.



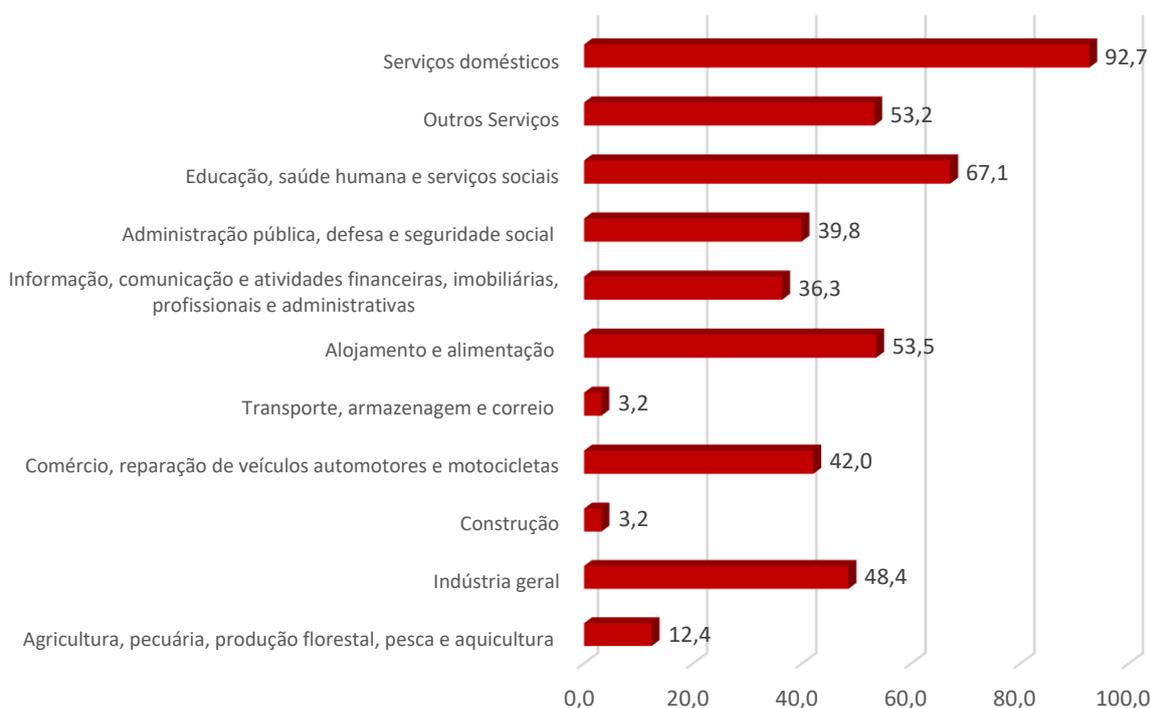
Fonte: PNAD-Contínua trimestral, 1º trimestre de 2012 ao 4º trimestre de 2018. Elaboração: IPECE.

Após a análise da entrada da mulher cearense no mercado de trabalho, outros importantes indicadores a serem analisados para essa população ocupada é a segmentação ocupacional utilizados na PNAD-Contínua. O Gráfico 8, apresenta a distribuição do grau de feminidade da população ocupada de 14 anos ou mais de idade no 4º trimestre de 2018. As principais ocupações em que as mulheres cearenses são maioria são as Profissões das ciências intelectuais (58,7%); Trabalhadores de apoio administrativo (54,8%); Trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércio e mercados (54,9%) e com participação também significativa nas ocupações de Diretores e gerentes (42,7%) e Ocupações elementares (43,9%). E com grau bem menores de feminidade, estavam Trabalhadores qualificados, operários e artesões da construção, das artes mecânicas e outros ofícios (26,4%); Operadores de instalações e máquinas e motores (25,3%); Trabalhadores qualificados da agropecuária, florestais, da caça e da pesca (13,7%) e; Membros das força armadas, policiais e bombeiros militares (3,9%).

Gráfico 8: Grau de feminidade por tipo de ocupação – Ceará - 4º trim. 2018

Fonte: PNAD-Contínua trimestral 4º trimestre de 2018. Elaboração: IPECE.

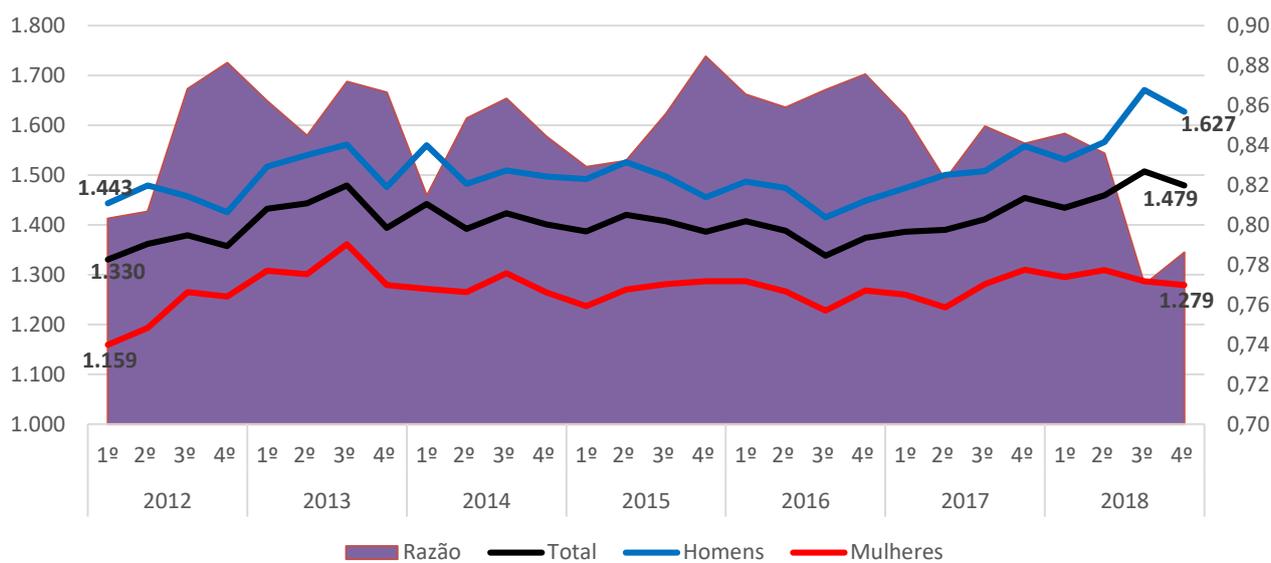
Analisando o grau de feminilidade por tipo de atividade, observa-se que os serviços domésticos (remunerado), é exercido exclusivamente por mulheres (92,7%), atividades nas áreas de Educação, saúde humana e serviços sociais (67,1%) e Alojamento e alimentação (53,5%) elas também são maioria. As atividades com menores participações são no ramo da Construção (3,2%) e Transporte, armazenamentos e correio (3,2%), como mostra o Gráfico 9.

Gráfico 9: Grau de feminidade por tipo de atividade - Ceará - 4º trim. 2018

Fonte: PNAD-Contínua trimestral 4º trimestre de 2018. Elaboração: IPECE.

O Gráfico 10 mostra o rendimento médio real do trabalho principal da população de 14 anos ou mais de idade ocupada por sexo. Portanto, verifica-se que o rendimento médio dos homens é relativamente superior ao das mulheres. No 4º trimestre de 2018, o rendimento médio dos homens era de R\$ 1.627 e das mulheres R\$ 1.279, ou seja, as mulheres recebiam, em média, 79% do rendimento dos homens.

Gráfico 10: Rendimento médio real, habitual recebido no trabalho principal, pelas pessoas de 14 anos de idade, ocupadas, por sexo (R\$) - Ceará- 2012-2018.

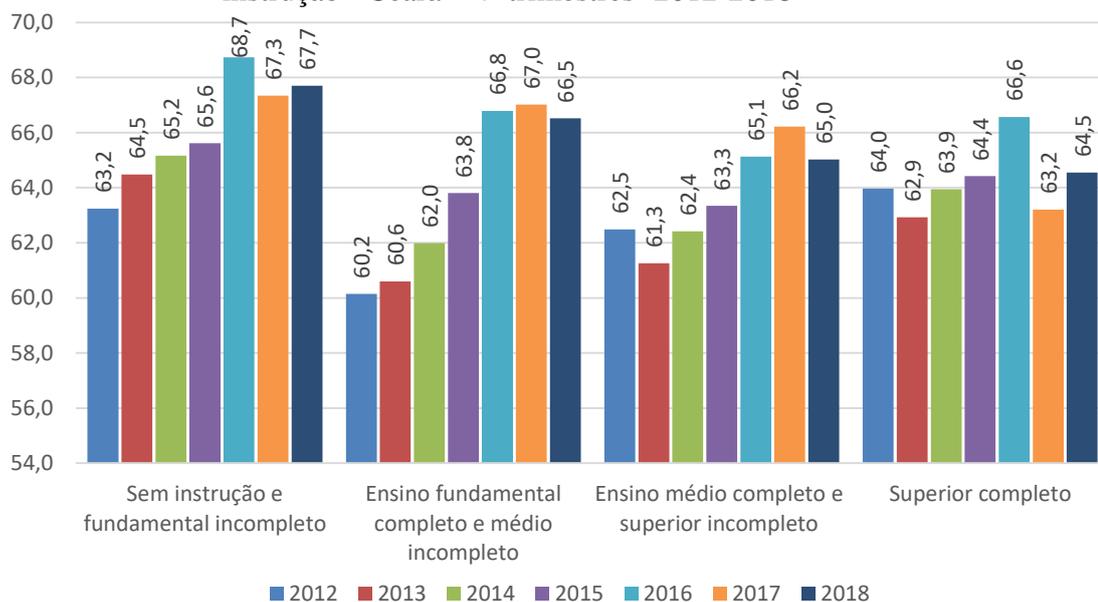


Fonte: PNAD-Contínua trimestral - 1º trimestre de 2012 ao 4º trimestre de 2018. Elaboração: IPECE.

Nota: O rendimento está deflacionado para o mês do meio do último trimestre de coleta divulgado.

Na próxima seção analisaremos com mais detalhes o acesso e o nível de escolarização da população feminina, mas para se ter uma visão mais geral da desigualdade salarial entre homens e mulheres, apresenta-se no Gráfico 11, a razão de rendimento médio habitual do trabalho principal das mulheres em relação aos homens de 25 a 49 anos de idade ocupados na semana de referência por nível de instrução. Pelos dados apresentados, observa-se que, no período analisado, no geral, a maior discrepância no rendimento médio entre homens e mulheres acontece no grupo de Ensino Superior completo. Por exemplo, enquanto que as mulheres Sem instrução e Fundamental incompleto ganhavam, 67,7% do rendimento médio dos homens com o mesmo nível de escolaridade, em 2018, as mulheres com Ensino Superior completo ganhavam apenas 64,5% do salário médio dos homens, com a mesma escolaridade.

Gráfico 11: Razão (%) de rendimento médio habitual de todos os trabalhos de mulheres em relação ao de homens de 25 a 49 anos de idade ocupados da semana de referência, por nível de instrução - Ceará – 4º trimestres- 2012-2018

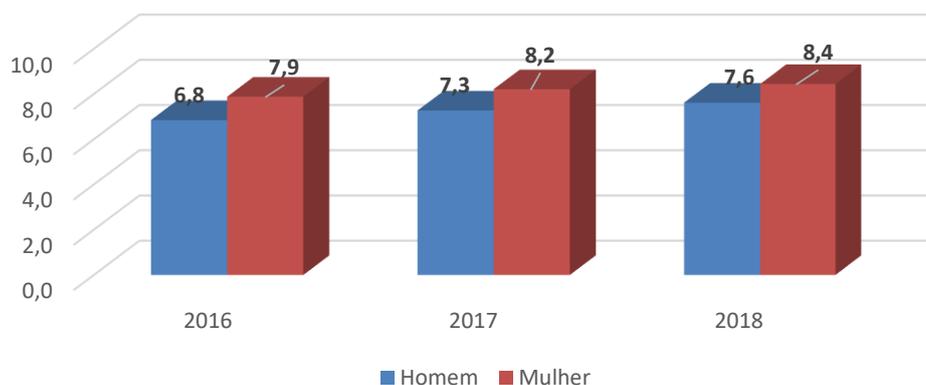


Fonte: PNAD-Contínua trimestral. Elaboração: IPECE.

4. Educação

Apesar de ganharem menos que os homens, as mulheres permanecem mais tempo buscando qualificação educacional. De acordo com o Gráfico 12, que apresenta a escolaridade média da população de 15 anos ou mais de idade por sexo, as mulheres tinham aproximadamente um ano a mais de escolaridade que os homens, em 2018. Contudo, vale ressaltar que a taxa de crescimento de anos de estudos da população masculina vem sendo maior que a feminina, reduzindo a diferença entre os dois grupos.

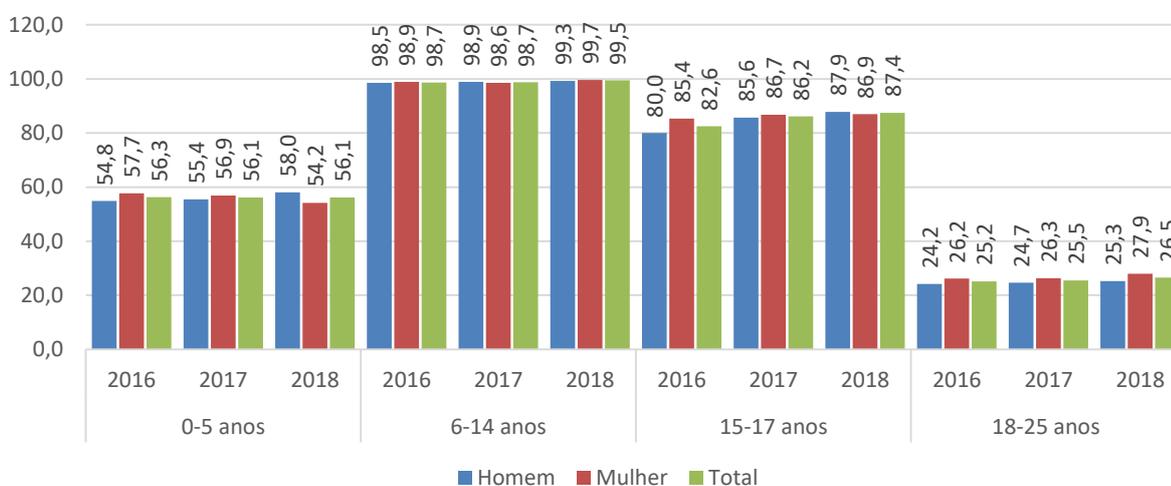
Gráfico 12: Anos de estudos da população de 25 anos ou mais de idade, por sexo (%) - Ceará – 2º trim.- 2016 - 2018



Fonte: PNAD-Contínua – Suplemento Educação. Elaboração: IPECE.

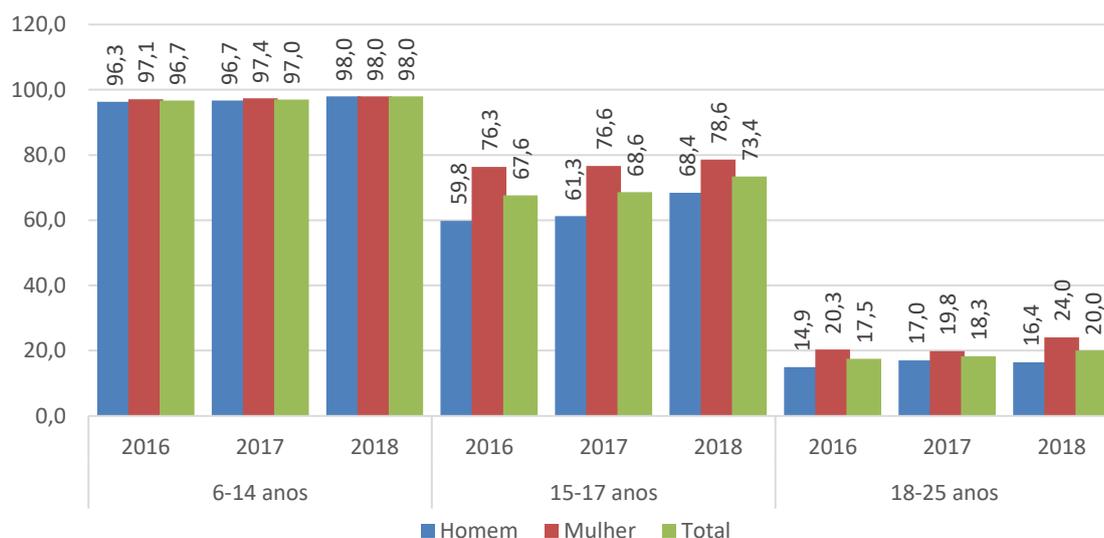
Uma das principais razões para que meninas tenha mais anos de estudos que os meninos é o tempo em que ficam na escola, como mostra o Gráfico 13 que apresenta a taxa de frequência escolar bruta por grupos de idade. Nos primeiros anos de vida ou na frequência da creche ou pré-escola, a taxa de frequência bruta entre homens e mulheres é praticamente a mesma, com exceção em 2018 quanto a frequência entre os meninos foi superior as das meninas em quase 4 p.p (pontos percentuais). Nos grupos de 6 a 14 e de 15 a 17 anos de idade, em 2018, a diferença da frequência entre homens e mulheres era praticamente igual. Porém na faixa de 18 a 25 anos de idade, percebe-se uma frequência maior das mulheres em relação aos homens.

Gráfico 13: Taxa de frequência escolar bruta, segundo os grupos de idade (%)- Ceará – 2º trim.- 2016 - 2018



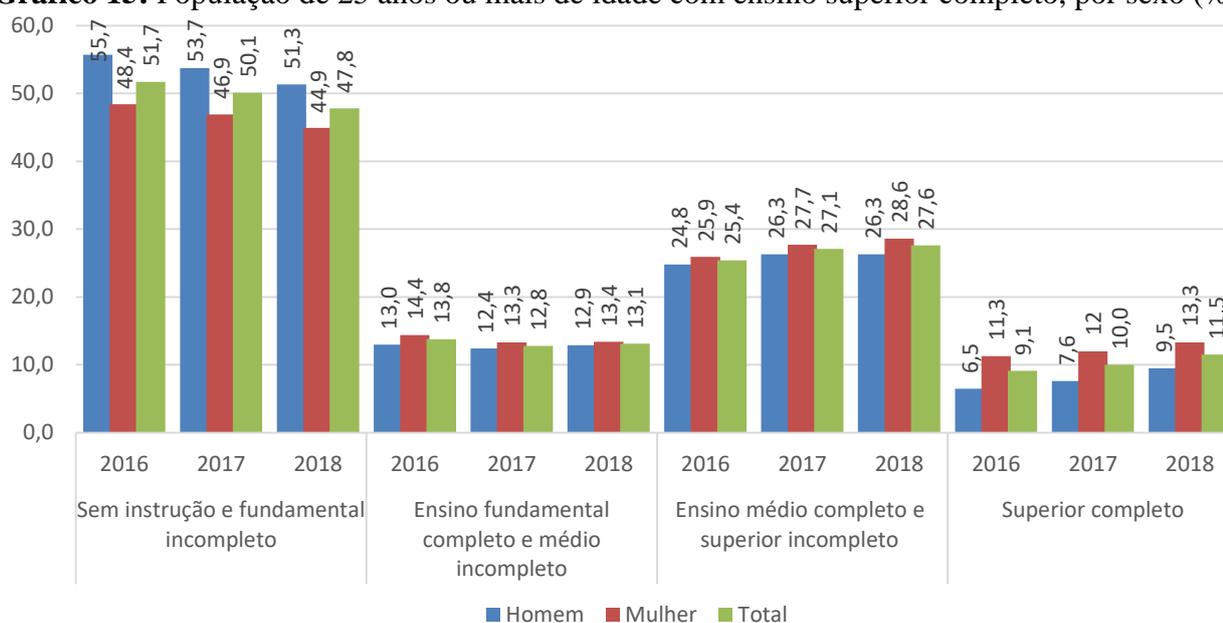
Fonte: PNAD-Contínua – Suplemento Educação. Elaboração: IPECE.

Outra forma de analisar a frequência por gênero é pela taxa de frequência ajustada. Este indicador possibilita verificar se os estudantes estão frequentando um determinado ciclo de ensino na idade certa. Portanto, observa-se que entre a população de 6 a 14 anos de idade, que deveria frequentar o Ensino Fundamental, não existia diferenças entre os sexos. Mas na faixa de 15 a 17 anos de idade, que estão frequentando o Ensino Médio, a distorção idade-série é bem maior entre meninos. Por exemplo, em 2018, 78,6% das meninas cearenses frequentavam ou já haviam concluído do Ensino Médio, contra 68,4% dos meninos. E na faixa de 18 a 24 anos, onde eles ou elas já deveriam estar frequentando a universidade a diferença entre os grupos foi de 7,6 p.p, sendo a frequência líquida ajustada dos homens de 16,4% e das mulheres de 24%, como mostra o Gráfico 14.

Gráfico 14: Taxa de frequência escolar líquida ajustada no ensino médio, por sexo (%) - Ceará – 2º trim.- 2016 - 2018

Fonte: PNAD-Contínua – Suplemento Educação. Elaboração: IPECE.

Por fim, o Gráfico 15 analisa a distribuição de homens e mulheres de 25 anos ou mais de idade por nível de escolaridade mais elevado. O nível de instrução da população cearense de 25 anos ou mais tem aumentado ao longo da série da Pesquisa, com crescimento maior na proporção de pessoas com pelo menos Ensino Médio completo e Ensino Superior. Em 2016, no total da população, a proporção que tinha o Ensino Médio completo ou superior incompleto era de 25,4%, subindo para 27,6% em 2018. E dos que haviam concluído o Ensino Superior, saiu de 9,1% para 11,5%, entre 2016 e 2018.

Gráfico 15: População de 25 anos ou mais de idade com ensino superior completo, por sexo (%)

Fonte: PNAD-Contínua – Suplemento Educação. Elaboração: IPECE.

Considerando o nível de escolaridade por gênero, observa-se que as mulheres possuem níveis de instrução mais elevados. Por exemplo, em 2018, apenas 9,5% dos homens tinha Ensino Superior completo, enquanto que entre as mulheres a estimativa foi de 13,3%, como pode ser observado no Gráfico 15.

5. Considerações Finais

O presente informe objetivou verificar as condições das mulheres cearenses tanto no domicílio, como no mercado de trabalho. O intuito é fornecer informações sobre o contexto social e econômico em que vivem as cearenses a fim de subsidiar as políticas públicas voltadas para este grupo.

Em termos de resultados, no que se refere ao papel da mulher no domicílio, observou-se que há uma tendência de crescimento de famílias onde as mulheres são as responsáveis pelo domicílio, a proporção de lares cearenses chefiados por mulheres saltou de 37,5%, em 2012, para 47,1%, em 2018. Além disso, este fenômeno não está diretamente relacionado a não presença de cônjuge do sexo masculino no domicílio, uma vez que a proporção de domicílios chefiados por mulheres com cônjuges do sexo masculino vivendo no mesmo domicílio, cresceu de 33,4% para 41,5% entre 2012 e 2018.

Em relação à presença das mulheres cearenses no mercado de trabalho, observou-se que elas ainda são minoria, no 4º trimestre de 2018, a taxa de participação da população masculina de 14 anos ou mais de idade no Ceará foi de 60,6%, enquanto que a taxa de participação feminina foi de 41,0%.

Embora tenha sido verificado oscilações e uma tendência de crescimento da participação feminina no período entre 2017 e 2018, o processo de feminização no mercado de trabalho cearense não sofreu grandes transformações nos últimos sete anos, a grande maioria delas não consegue se colocar disponível para uma ocupação no mercado de trabalho, no último trimestre de 2018, estes números correspondiam a cerca de 2,2 milhões de mulheres de 14 anos ou mais de idade fora do mercado de trabalho.

Analisando o grau de feminilidade por tipo de atividade, observa-se que atividades relacionadas a serviços domésticos (remunerado) é exercido exclusivamente por mulheres (92,7%), assim com as ligadas as áreas de Educação, saúde humana e serviços sociais (67,1%) e Alojamento e alimentação (53,5%). As atividades com menores participações feminina são no ramo da Construção (3,2%) e Transporte, armazenamentos e correio (3,2%).

Ao analisar o rendimento médio real do trabalho principal da população de 14 anos ou mais de idade ocupada por sexo, verificou-se que o rendimento médio dos homens é relativamente superior ao das mulheres. No 4ª trimestre de 2018, o rendimento médio dos homens era de R\$ 1.627 e das mulheres R\$ 1.279, ou seja, as mulheres recebiam, em média, 79% do rendimento dos homens.

Observou-se que essa diferença aumenta quando analisa-se o rendimento médio real do trabalho por nível de escolaridade. De acordo com os dados encontrados, a razão de rendimento médio habitual do trabalho principal das mulheres em relação aos homens de 25 a 49 anos de idade ocupados na semana de referência - Sem instrução e Fundamental incompleto - era de 67,7% do rendimento médio dos homens com o mesmo nível de escolaridade. Enquanto que as mulheres com Ensino Superior completo ganhavam apenas 64,5% do salário médio dos homens, com a mesma escolaridade, em 2018.

Considerando o nível de escolaridade por gênero, observou-se que as mulheres possuem níveis de instrução mais elevados. Por exemplo, em 2018, apenas 9,5% dos homens tinha Ensino Superior completo, enquanto que entre as mulheres a estimativa foi de 13,3.